

A vida não
é só o que se
vê

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

Gabriel Rodrigues Cervantes

A vida não
é só o que se
vê

*No velório, ouviam-se anedotas e fofocas...
Mas ninguém conhecia a verdadeira história do morto.*

Capivari-SP

- 2015 -

© 2015 Gabriel Rodrigues Cervantes

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - abril/2015 - 2.000 exemplares

CAPA E DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Sônia Cervantes

Rubens Toledo

Ficha catalográfica

Cervantes, Gabriel Rodrigues - 1940

A vida não é só o que se vê / Gabriel Rodrigues Cervantes - 1ª ed.
abr. 2015 - Capivari, SP.

160 p.

ISBN 978-85-66805-55-0

1. Espiritismo. 2. Narrativas/romance. 3. Morte e seus rituais.
4. Serviço voluntário. I. Título.

CDD 133.9

Sumário

<i>Nota de apresentação</i>	6
I. O velório.....	7
II. O respeito.....	13
III. O amor	19
IV. Rosa.....	29
V. Ligações ocultas.....	35
VI. Matilde.....	41
VII. A criação	57
VIII. A doença.....	63
IX. Uma promessa.....	73
X. Um indivíduo diferente.....	91
XI. Inadaptação.....	97
XII. Rute e as filhas.....	107
XIII. O que é espiritismo	111
XIV. Sonhos.....	117
XV. Últimas despedidas.....	145

Nota de apresentação

A história de Carlão, narrada neste livro por Mauro Gaono, tem início em um velório: velório lembra morte, e morte lembra fim. Daí depreender-se que a história principal deste livro começa pelo fim. A trajetória desse personagem, entretanto, não termina no velório; como o próprio título do livro adianta, a vida não é só o que se vê - e nem é o que muitos pensam.

Em três das quatro histórias narradas no livro, a morte tem papel preponderante, e em nenhuma das histórias a morte é o final, mesmo porque ela nunca o é, pois a vida continua. Temos apenas uma vida, a vida imortal do espírito. Ora vivemos no mundo dos espíritos, que na verdade é nosso mundo real; ora vivemos encarnados, em cumprimento a uma lei divina, a lei do progresso. A morte é, pois, parte da vida. Já morremos muitas vezes e certamente morreremos outras tantas, pois, como já foi dito: “Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei”. Como o próprio Cristo disse: “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”. Por “reino de Deus” entendemos a perfeição relativa, a felicidade, e “nascer de novo” nada mais é do que reencarnar.

Toda obra literária traz algo da experiência do autor. Uma frase ouvida, um acontecimento observado, um incidente narrado por alguém ou uma experiência própria podem ser tema de livro. Com este não foi diferente. As quatro histórias narradas tiveram origem em fatos ouvidos ou vividos. Claro que, como espírita que somos, vimos nesses fatos a manifestação da misericórdia de Deus, porque sabemos que nada acontece por acaso.

São Bernardo do Campo, março de 2015.
Gabriel Rodrigues Ceroantes

I. O velório

Já havia muita gente no vasto e suntuoso saguão de espera do velório quando cheguei. Grupinhos se formavam aqui e ali, e os assuntos eram variados. Falava-se sobre futebol, política, música, religião... Nos grupos fechados, se só de homens, falava-se de negócios, de sexo e até piadas das mais picantes vinham à tona, provocando risos exagerados para o ambiente. Se só de mulheres, embora se mantivessem bem mais reservadas que os homens, algumas fofocas acabavam acontecendo, colaborando para que o zunzum das conversas encobrisse o som

da música suave, dessas especiais para meditação, ignorada pelos ouvidos da maioria das pessoas presentes.

Sobre o falecido quase nada se falava. Falar o quê? Aqueles poucos, que o conheciam, não nutriam por ele qualquer apreço ou simpatia. E nesse rol, incluíam-se os parentes de um modo geral e até familiares mais chegados, como era o caso dos cunhados. E quanto aos que não o conheciam pessoalmente – e que formavam a maioria dos que compareceram – o pouco que sabiam sobre ele era de ouvir falar.

Na verdade, o que percebi, quando de uma corrida de olhos pelo imenso salão, foi uma total indiferença pelo morto, numa demonstração inequívoca de que ninguém estava ali por ele, mas sim pelos familiares, que eram, na maioria, pessoas muito bem relacionadas, algumas até pertencentes à alta sociedade paulistana.

As pessoas iam chegando, cumprimentavam o familiar do morto, por respeito de quem tinham vindo, procuravam um grupo afim e fi-

cavam por ali sem nem sequer aproximarem-se do caixão.

Se o infeliz cadáver estivesse nu, com um nariz postiço, desses vermelhos usados pelos palhaços, muitos dos presentes provavelmente nem teriam notado. Em suma, o velório do pobre Carlão não diferia muito da maioria dos velórios – pensei.

Aprendemos com a doutrina espírita que o espírito, quando da sua desencarnação, conserva por algum tempo as impressões do corpo físico ao qual esteve ligado e irá sempre necessitar de um tempo para readaptar-se fora da matéria. Durante esse período, o recém-desencarnado se sentirá perturbado, confuso, e a intensidade e a duração desse estado vão depender do grau de evolução de cada um, conforme os vários depoimentos de espíritos transcritos na segunda parte de *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec.

Alguns poucos, como no caso do Dimas, narrado por André Luiz no livro *Obreiros da vida eterna*, fruto de seus méritos morais, mantêm-

-se conscientes, embora ainda não totalmente desligados do corpo físico, podendo assistir ao velório e, após o completo desligamento do corpo, é-lhes permitido até acompanhar o próprio féretro.

Nos casos em que o desencarnado ainda não tenha atingido esse grau de evolução, que, diga-se a bem da verdade, no atual estágio do planeta em que vivemos, são a maioria, durante o estado de perturbação, em geral, o espírito, muitas vezes, é adormecido e retirado do recinto do velório por amigos espirituais, mesmo ainda ligado ao corpo físico, e levado para locais tranquilos.

Isso ocorre, justamente, para afastá-lo das lamentações de familiares inconsolados, e até de possíveis comentários desairosos a seu respeito, que fatalmente agravariam o processo, uma vez que nesses casos o espírito mesmo adormecido sente as vibrações emanadas dos encarnados.

O comparecimento a uma cerimônia fúnebre deveria ser feito com a intenção sincera de levar algum tipo de conforto, de apoio moral

aos familiares do desencarnado. Muitas pessoas, entretanto, ali comparecem simplesmente para dar uma satisfação social à família, evitando que aconteça que se diga: – Puxa! Não havia quase ninguém!

E se o falecido pertencer a uma família de relevo, a presença, com exceção de familiares e de alguns amigos mais chegados, será tão somente para uma satisfação à sociedade e até, algumas vezes, para atender interesses pessoais.

Foi exatamente assim que senti a maioria dos presentes no velório do Carlão.

II. O respeito

Até o surgimento do espiritismo, a morte foi tratada como um flagelo. Retratada na forma de uma caveira coberta com um tétrico manto e capuz negro e portando uma foice em uma das mãos descarnadas, causava temor e arrepios apavorantes.

A morte para os espiritualistas da época, e ainda hoje para os que continuam a acreditar na unicidade da existência, não significa apenas o fim da vida física. Sempre foi acompanhada, em virtude das crenças religiosas, da incerteza de um reencontro em outra dimensão, uma vez que

o destino da alma após a morte, seja o céu ou o inferno, é definitivo.

O espiritismo, doutrina ditada pelos espíritos a Allan Kardec, nos mostra uma versão da morte, senão simpática, pelo menos não tão lúgubre. Aprendemos com os espíritos que a morte existe apenas para o corpo físico, e que o espírito, uma vez liberto, retorna para o mundo espiritual, que é sua primitiva e verdadeira pátria.

A Terra está para o espírito como a escola está para a criança e para os jovens. Aqui, encarnados, os espíritos vivem em sociedade, aprendendo primeiramente a se respeitarem para, posteriormente, se amarem. Eis o que ensina o mestre Jesus. “Vim para que tenhais vida. E vida em abundância”, disse ele.

O espiritismo, portanto, é doutrina da vida e não da morte. A separação de seres que se querem bem, causada pela morte do corpo físico, é apenas temporária, pois logo irão reencontrar-se na pátria espiritual, e graças à misericórdia do Pai terão oportunidade de reencarnar quantas

vezes forem necessárias, até atingirem o objetivo a que estão destinados todos os filhos de Deus, que é a perfeição relativa.

A experiência do espírito vivendo em um corpo de carne é condição única para sua evolução, motivo pelo qual se deve preservar a vida física o mais possível. Toda vida orgânica, porém, obedecendo à lei de destruição, que é lei divina, um dia se deteriora e morre. Essa morte, todavia, é apenas o desaparecimento da forma, pois que os elementos formadores do corpo são imperecíveis e serão utilizados na formação de novos corpos.

Quanto ao espírito, uma vez livre da matéria, retorna ao mundo espiritual, onde irá preparar-se e aguardar a oportunidade de uma nova experiência em um novo corpo físico. Tanto o nascimento como a morte são eventos que fazem parte da vida, e são momentos marcantes vividos pelos espíritos. Portanto, todos os que vivemos na carne, e que já vivenciamos essas experiências muitas vezes e certamente ainda

a vivenciaremos outras tantas, devemos o mais profundo respeito aos desencarnantes no momento importante do seu retorno, bem como aos familiares que ficam.

Em uma cerimônia fúnebre é aconselhável, portanto, que o ambiente seja de preces, música suave e de conversas elevadas, evitando-se as piadas, lembranças e comentários sobre acontecimentos desagradáveis vividos pelo desencarnado e que possam vir a prejudicá-lo emocionalmente, mesmo que afastado do ambiente do velório, uma vez que ainda pode estar ligado ao corpo físico.

A presença em velórios de parentes, amigos e até de conhecidos é de suma importância. Há quem diga que não gosta desse tipo de ambiente. Diz ficar sem jeito e sem saber o que dizer aos familiares do desencarnado. Pois então não diga nada! O importante nesse momento não são as palavras, mas a presença, o abraço silencioso e sincero. Para quem passa pela experiência da perda de um ente querido, uma presença amiga

nesse momento de dor ampara e consola. E é um ato de caridade.

A morte faz parte do processo da vida. Entretanto, para muitos, talvez para a maioria, a morte ainda é um mistério assustador, e, quando chega para um ente querido, sempre traz sofrimento. Nas mortes anunciadas, aquelas que vêm para trazer descanso tanto para quem parte como para quem fica – casos de doenças longas e terminais ou velhices traumatizantes –, muitas vezes são até desejadas, embora sempre deixem sofrimento.

Normalmente, a dor dos familiares é muito mais acentuada quando da desencarnação de jovens. Para os pais, a morte deveria obedecer a cronologia. Assim, os mais velhos partiriam primeiro, e um pai ou uma mãe jamais veriam um filho, ainda criança, adolescente ou jovem, com uma vida promissora, recheada de sonhos, ser ceifada precocemente.

Ocorre, porém, que a vida na matéria não é medida pelo tempo, e sim pela necessidade

evolutiva do espírito. Quase sempre, em vez da aceitação ou resignação ante a vontade do Pai, o que há é a conformação ante a perda.

Pais que antes acreditavam na unicidade das existências, após a perda de um filho, em desespero, têm procurado refúgio no espiritismo, buscando o consolo que só a crença nas existências sucessivas pode oferecer.

Isso não quer dizer que o espírita não sofra com a partida de entes queridos; contudo, a fé raciocinada no futuro e a certeza do reencontro tornam menos penosa a separação.